



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES E MÚSICA

HELLANE CRISTINA NERES DA SILVA DOS ANJOS

**SALAS MULTISSERIADAS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

TOCANTINÓPOLIS – TO
2022

HELLANE CRISTINA NERES DA SILVA DOS ANJOS

**SALAS MULTISSERIADAS: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho apresentado à banca examinadora como parte integrante dos requisitos necessários para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2. Curso de Licenciatura em Educação do Campo: habilitação em Artes e Música.
Orientação: Leandro Lente de Andrade.

**TOCANTINÓPOLIS – TO
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D722s Dos Anjos , Hellane Cristina Neres da Silva .
Salas multisseriadas: um olhar sobre as práticas pedagógicas em tempos de pandemia . / Hellane Cristina Neres da Silva Dos Anjos . – Tocantinópolis, TO, 2023.
32 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do
Campo, 2023.

Orientador: Leandro lente De Andrade

1. Pandemia . 2. Ensino remoto . 3. Salas multisseriadas . 4.
Ferramentas digitais . I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS — A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder saúde e sabedoria sem as quais não teria conseguido realizar essa pesquisa, principalmente durante um período tão desafiador. Ao meu professor orientador Leandro Lente pelas orientações e acima de tudo pela paciência e prontidão.

Agradeço também a todos os meus familiares, incluindo meus filhos e meu marido, que estiveram do meu lado me dando apoio e me inspirando a fazer o meu melhor.

Agradeço as professoras que me concederam entrevista e que foram fatores essenciais na elaboração dessa pesquisa.

Agradeço também a todos os profissionais da educação, que estiveram e participaram do meu processo formativo, desde o ensino básico até esse momento de formação superior.

Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas pedagógicas utilizadas pelos educadores da Escola Municipal Novo Aeroporto – Tocantinópolis/TO, durante o período delicado enfrentado por toda a Educação Básica a nível nacional mediante as paralizações das atividades presenciais impostas pela pandemia da COVID-19. Para tal tarefa foram levantadas bibliografias especializadas que fundamentassem a abordagem a partir dos temas: escolas multisseriadas, Educação do Campo e impactos da pandemia. Por fim, a pesquisa desenvolveu entrevistas com profissionais da educação na escola selecionada e fez-se uma análise tendo em vista a complexidade das diferentes metodologias adotadas pelas educadoras para superar suas dificuldades diante de condições adversas como: sobrecarga de horário, pouco envolvimento dos familiares, aptidão às novas tecnologias etc. A pesquisa apontou que mesmo diante dos problemas que desencadearam diversos sentimentos, como medo, ansiedade e luto, os educadores se mobilizaram na tentativa de dar continuidade ao ensino e aprendizagens dos alunos, implementando diferentes técnicas e recursos para atingir tais finalidades por meio do ensino remoto.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino remoto; Salas Multisseriadas; Práticas Pedagógicas; Ferramentas Digitais.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Metodologia	8
3. Desenvolvimento:	9
4. Considerações finais	28
Referências bibliográficas	30

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas pedagógicas utilizadas pelos educadores da Escola Municipal Novo Aeroporto no contexto da pandemia do COVID-19. A referida escola está situada no Povoado Olho D'água de Cima, à cerca de 4 km da cidade de Tocantinópolis – TO, e oferta um ensino em turmas multisseriadas aos discentes da comunidade e adjacências.

Convém ressaltar que grande parte das escolas multisseriadas estão localizadas em pequenas comunidades afastadas das sedes dos municípios, onde diversos fatores incidem diretamente no exercício docente. Nesse sentido, coloca-se a importância da escola multisseriada para os trabalhadores do campo, visto que por um lado ela apresenta no imaginário social, a vinculação ao atraso e à má qualidade de ensino ofertado. Por outro, representa um direito público e subjetivo de qualquer cidadão de ser atendido nas suas necessidades de formação educacional obrigatória, como está estabelecido nos pressupostos legais das leis educacionais brasileiras.

Com a expansão viral em território nacional, no início do ano de 2020, o sistema educacional brasileiro público e privado se viu obrigado a lecionar a partir do ensino remoto, de forma análoga ao atualmente conhecido EaD, como uma forma de promover um distanciamento social e barrar a transmissão do agente patogênico. Percebendo que os desafios enfrentados nas escolas tradicionais/urbanas já eram gigantescos, compreender de que forma a escola campesina ressignificou seu ensino e se adaptou às imposições da pandemia tornou-se algo crucial.

Posto isto, é importante ressaltar que ingressar numa universidade federal, num curso de Licenciatura em Educação do campo – habilitação em artes e música, possibilitou a realização de pesquisas dentro da comunidade que valorizaram e fortaleceram minha identidade e cultura camponesa. Assim durante cada período de estudo onde há a alternância entre Tempo universidade e Tempo comunidade, foram sendo realizados trabalhos teóricos e práticos que tinham como pilares essa valorização dos saberes e fazeres dos povos do campo.

Por isso é mister frisar que antes de vivenciar o período pandêmico, outras pesquisas já haviam sido realizadas na Unidade Escolar na tentativa também de compreender como o ensino para as turmas multisseriadas é pensado e planejado, e

quais os desafios faziam parte do cotidiano dos professores dessa turma ao ter que passar o(os) conteúdo(s) para alunos com idade e níveis de conhecimento diferentes.

Enquanto moradora do povoado, ex-aluna e tendo filhos que dependem da referida escola para estudarem, senti a curiosidade, desejo e obrigação de conhecer de modo mais aprofundado a realidade e funcionamento da unidade escolar, produzindo um trabalho que poderá acima de tudo desconstruir uma ideia estereotipada de que as escolas do campo (por seguir uma organização diferente) são inferiores às escolas urbanas.

Nesse sentido o presente trabalho se justifica primeiramente pela compreensão de que num mundo cada vez mais moderno e globalizado algumas modificações se dão de maneira mais acelerada, logo o que foi observado em outras pesquisas na referida escola pode ter sofrido modificações que carecem de análise. Em seguida devido as imposições causadas pela pandemia do COVID-19, se faz necessário compreender de que forma a equipe escolar se organizou para possibilitar uma interação com os alunos ainda que de maneira remota, minimizando assim os prejuízos causado devido a impossibilidade de encontros presenciais.

A Escola Municipal Novo Aeroporto, tem uma boa estrutura, contando inclusive com salas climatizadas, mas assim como outras escolas necessita de mais melhorias para continuar ofertando um ensino de qualidade aos educandos. A escola atende aproximadamente 50 alunos da comunidade do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, anos iniciais e educação infantil Jardim I e II (período matutino), na parte da tarde ocorrem aulas de reforço.

Para alcançar o Objetivo geral que consistiu em compreender as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da Escola Novo Aeroporto no contexto da pandemia e, os objetivos específicos que foram: Identificar os desafios enfrentados pelos professores com o ensino remoto, refletir sobre os impactos causados pela pandemia no cotidiano escolar e por fim apontar os recursos tecnológicos utilizados no processo de ensino-aprendizagem no contexto da pandemia na educação do campo.

Realizamos primeiramente uma pesquisa bibliográfica, digitando na plataforma Google acadêmico, palavras-chave como: Práticas pedagógicas, Educação do campo e pandemia, Escolas Multisseriadas. Na segunda etapa da pesquisa foram elaboradas algumas questões (semiestruturadas) que foram enviadas e respondidas via WhatsApp por duas educadoras que atuam na escola.

2. Metodologia

Discutir a Educação do Campo como um direito já é prática recorrente de alguns estudiosos que se dedicaram a pesquisar e produzir teses, dissertações e artigos acerca dessa temática, principalmente no contexto das Escolas Multisseriadas. Assim, na intenção de aprofundar o conhecimento no que consiste a essa organização da escola no contexto camponês bem como das práticas pedagógicas que os profissionais da educação ali executam, principalmente em um momento atípico de pandemia da Covid-19, para alcançar o objetivo geral desse trabalho foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica.

Conforme Gil (2006, p.44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A proposta no primeiro momento se respaldou em produções que tratam da prática pedagógica em salas multisseriadas (AMORIM, 2019; HAGE, 2014; SILVA e SOUZA, 2014), e autores que tratam da Educação do Campo (CALDART, 2004). Logo depois realizamos a análise de trabalhos que relatam o surto da pandemia e seus impactos na educação brasileira como Teixeira e Ribeiro (2020), Silva, Santos e Souza (2020). Assim o estudo baseia-se na análise de texto e na escrita, bem como na reflexão e interpretação dos resultados e da pesquisa de uma forma geral (FLICK, 2009).

Realizamos também uma entrevista com perguntas semiestruturadas, que foram enviadas e respondidas via WhatsApp por duas profissionais que atuam na Escola Novo Aeroporto, a fim de compreender como se deu todo o planejamento e adaptação às aulas remotas. A entrevista foi realizada com a Gestora/Coordenadora da Escola Municipal Novo Aeroporto (Maria Dias) e com uma professora (Deusulina). Por meio das reflexões e análise das respostas foi possível compreender os desafios e angústia vivenciados pelas educadoras e toda a equipe escolar nesse contexto de pandemia.

3. Desenvolvimento

3.1. Contextualização: pandemia e educação do campo

A pandemia do COVID-19 impactou a vida de muitas pessoas, deixando vítimas fatais e sentimento de insegurança e incerteza, exigindo da população mundial uma adaptação acelerada à nova realidade. Somado às crises econômica e política que o Brasil vinha enfrentando, a pandemia afetou vários setores da vida social, inclusive o setor educacional que se viu obrigado a abandonar algumas práticas pedagógicas que eram necessárias no ensino presencial e, adotar novas práticas e metodologias educativas para ofertar um ensino remoto.

Tratando da educação brasileira, é importante pontuar que existe uma disparidade gigantesca entre o ensino ofertado nas escolas privadas e o ensino ofertado nas escolas públicas, o que evidencia e pode caracterizar a instituição escolar como um mecanismo de segregação social. Essa disparidade pôde ser percebida e se acentuou ainda mais durante o período pandêmico que impôs às unidades escolares novas estratégias para poder dar continuidade ao processo educativo, fazendo uso de tecnologias em aulas remotas ainda que em condições desiguais. Nesse sentido, importa destacar que:

A educação remota não é sinônimo de educação tecnológica, é apenas uma forma de ensino que depende do uso das tecnologias para exercer a sua funcionalidade. Essa forma de ensinar foi pensada para atender aos que estão em isolamento social por causa da pandemia da Covid-19, visa manter o vínculo do aluno com o conhecimento durante o tempo de fechamento da escola. (SILVA; DOS SANTOS, SOUZA, 2020, P.12)

Com base no texto supracitado e levando em consideração o contexto atual, pensar em educação remota já leva alguns a associarem esse tipo de educação ao uso de aparelhos tecnológicos como computador, celular, ou outros eletrônicos dessa natureza, talvez essa tenha sido mais uma das implicações da pandemia, mas convém ressaltar que o ensino remoto/à distância não é de fato algo novo, posto que já ocorria, quando por exemplo o professor recomendava ao aluno a leitura de um livro em casa. É claro que com o avanço tecnológico e a existência de uma “rede de navegação” como a internet fica mais fácil manter uma interação e um diálogo mesmo quando há uma distância geográfica entre educador e educando.

3.2. Educação no e do Campo

Além da diferença existente entre escola pública e privada, existe ainda desigualdade entre a educação ofertada nas escolas públicas da rede urbana e a educação ofertada nas escolas públicas no e do campo. Essa distância se perpetua devido ao descaso governamental frente às necessidades das instituições escolares presente no meio rural. Convém ressaltar que por muito tempo o modelo de ensino que fora ofertado aos camponeses era o mesmo utilizado nas escolas da rede urbana, caracterizando o que se denominou de educação rural, um modelo intimamente ligado aos interesses de uma minoria que compunha a oligarquia e a elite brasileira. Esse modelo, além de não contemplar a realidade da população camponesa, trazia consigo as mesmas deficiências da escola urbana e um ensino que provocava o distanciamento entre os camponeses e sua cultura e por consequência a evasão escolar.

Insatisfeitos com essa triste realidade e alienação os camponeses se mobilizaram em prol de conquistar e construir um projeto educacional voltado aos interesses e necessidades do contexto camponês, construindo uma escola que não estivesse apenas localizada no campo, mas que acima de tudo pertencesse a ele, sendo denominada de Escola “No” e “Do” Campo. Além da luta pelo direito à uma educação contextualizada com a realidade camponesa, existiam e ainda existem outras demandas como a reforma agrária e outros direitos que ao longo da história brasileira foram usurpados dos povos do campo (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas etc.). Sobre o assunto Caldart (2004) argumenta que:

A Educação do Campo tem um vínculo de origem com as lutas sociais camponesas. Pensar a educação dos sujeitos do campo desde o vínculo com a luta pelos direitos das mulheres camponesas, com a luta pela reforma agrária e por um projeto camponês de desenvolvimento do campo, com a luta pela democratização do acesso à água; com a luta das crianças pelo seu direito à infância... A Educação do Campo não precisa e nem deve ser um projeto de educação apenas dos camponeses, nem apenas de quem participa de lutas sociais; mas este vínculo lhe confere um traço de identidade importante e que não pode ser perdido. (CALDART, 2004, P.5)

Depreende-se que o elo existente entre as lutas sociais camponesas e a Educação do Campo lhe imprimem uma característica única e uma identidade autêntica que conforme a autora aponta não deve ser perdida. Ainda pode ser observado que mesmo estando intimamente ligada às demandas camponesas, as

conquistas de tais movimentos são inclusivas ao passo que beneficia não só os camponeses, mas também a população carente de uma maneira geral.

Caldart (2004, p.6) discorrendo sobre a Educação do Campo reforça que:

Trata-se de uma educação dos e não para os sujeitos do campo. Feita sim através de políticas públicas, mas construídas com os próprios sujeitos dos direitos que as exigem. A afirmação desse traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que na história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muito poucas vezes com os ou ainda menos pelos sujeitos do campo. Além de não conhecer o povo do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-lo a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos.

Nota-se que ofertar educação à população camponesa deve ir além de construir uma escola em solo rural, haja vista que a construção de uma educação no e do campo implica na participação desses sujeitos, não é simplesmente chegar e implantar uma escola enraizada em ideologias domesticadoras e subserviente. É necessário que os camponeses tenham participação direta e a todo instante, que seja realmente um dos pilares na construção de um modelo educacional que rompa com a ideologia do dominador e possa estabelecer uma liberdade crítica e reflexiva de se reconhecer como sujeito detentor da própria história.

Assim sendo, é pertinente saber que devido essas lutas, muitas das escolas do campo se caracterizam por ofertar uma escolarização diferenciada daquela que se presencia no modelo tradicional de ensino, ou seja, aquele ofertado nas escolas da rede urbana. Acerca disso, a LDB nº 9.394/96 em seu artigo 28 e incisos I, II e III, estabelece que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Nota-se que compreender a dinâmica, os saberes e especificidades no que tange ao território camponês e seus sujeitos históricos é algo fundamental para

consolidação de uma escola no/do campo. Nesse sentido a escola enquanto agente formativo presente nesse espaço deve ser capaz de identificar essas particularidades e especificidades para estruturar um Projeto Político Pedagógico (PPP) e planejar metodologias de ensino que contemplem as reais necessidades dos discentes, respeitando sua diversidade cultural e seus saberes, tornando a prática educacional integrativa para assim estimular uma formação mais crítica e humanitária.

Para Caldart (2004, p.9):

Pensar a educação vinculada à cultura significa construir uma visão de educação em uma perspectiva de longa duração, ou seja, pensando em termos de formação das gerações. E isto tem a ver especialmente com a educação de valores. A Educação do Campo, além de se preocupar com o cultivo da identidade cultural camponesa, precisa recuperar os veios da educação dos grandes valores humanos e sociais: emancipação, justiça, igualdade, liberdade, respeito à diversidade, bem como reconstruir nas novas gerações o valor da utopia e do engajamento pessoal a causas coletivas, humanas.

Perante o exposto percebe-se que um dos grandes desafios da educação do campo é justamente o de evitar que essas escolas se tornem uma simples extensão das escolas urbanas, haja vista que o interesse do modelo de educação da escola tradicional visa na maioria das vezes atender única e exclusivamente às necessidades do estado capitalista, formando mão de obra barata para o mercado de trabalho, e não cidadãos críticos e livres, o que vai na contramão do ideal almejado por um projeto de educação do campo.

Observa-se que ainda existem grandes desafios a serem superados na educação do campo, pois mesmo que muitas conquistas tenham sido alcançadas por meio da luta social e que isto esteja presente nas leis de diretrizes e bases da educação brasileira (LDB), o que ainda perdura, mesmo diante das lutas dos camponeses juntamente com os movimentos sociais, é uma política de migalhas que não soluciona as defasagens da escola do campo, ao contrário tende a lhe manter submissa, sem liberdade e autonomia.

3.3. Resistência: Turmas multisseriadas e impactos da pandemia

Diante de tantos problemas e estereótipos relacionados a Unidade Escolar campesina, algumas famílias acabam comprando e sustentando uma ideia equivocada de que as escolas urbanas se constituem como a melhor alternativa para a formação de seus filhos, assim acabam migrando do seu lugar de origem e partindo

para a cidade em busca de condições melhores, na tentativa de assegurar à seus filhos uma realidade diferente daquela que grande parte dos camponeses que não tiveram acesso a escolarização acabam enfrentando na roça. Assim o número pequeno de alunos que já existia no campo, tende a diminuir ainda mais com o êxodo rural, e os que optam por continuar no campo e estudar nessas escolas acaba não sendo suficiente para formar as ditas turmas seriadas.

Foi perante o exposto que houve a necessidade de se buscar alternativas que garantissem a efetivação do direito desses povos de serem educados no lugar em que vivem e acima de tudo que as práticas pedagógicas utilizadas nessas escolas levassem em consideração os costumes e saberes dos povos do campo (Índios, Quilombolas, Assentados da reforma Agraria, Ribeirinhos, extrativistas etc.).

Voltando ao que preconiza o inciso II do artigo 28 da LDB, podemos compreender como e por quais motivos as escolas do campo se organizam de uma maneira completamente diferente daquela que se observa nas escolas tradicionais, principalmente no que se refere a seriação do ensino, onde devido ao número reduzido de alunos a escola busca adaptar-se para continuar educando. Sobre o assunto, Amorim (2019, p. 22) esclarece que “As escolas do campo não tinham a quantidade de estudantes para formar turmas seriadas, foi a partir daí que começou a multisseriação”.

Santos (2021, p.19) reitera que:

As escolas ou classes multisseriadas foram criadas a partir do momento em que a educação foi democratizada para todos independente da sua classe social. Essas escolas surgem com o objetivo de ofertar ensino de forma imediata, a mesma apresenta-se como uma realidade predominante no contexto das escolas no campo, sendo mais frequentes nos primeiros anos do ensino fundamental.

A partir dessas colocações, percebe-se que por muito tempo a educação brasileira foi privilégio de uma minoria elitista, ou seja, somente aqueles mais abastados tinham acesso e oportunidade de estudar. Aos menos favorecidos restava apenas o trabalho duro que naquele momento não carecia de estudo ou escolarização, talvez aí resida a raiz de alguns estereótipos que se mantiveram vivos ao longo do tempo e que ainda fortalecem olhares desprezíveis acerca da educação, principalmente a do campo. Uma realidade das escolas do campo é que na maioria das vezes o ensino é ofertado apenas para os primeiros anos do ensino fundamental,

o que significa que em algum momento esses discentes deverão continuar seus estudos numa escola da zona urbana, distante da sua realidade.

Com o intuito de compreender em que consiste essa multisseriação, recorreremos a Hage (2014), onde expõe que:

Essas escolas reúnem estudantes de várias séries e níveis em uma mesma turma, com apenas um professor responsável pela condução do trabalho pedagógico, sendo, portanto, unidocentes e diferenciadas da grande maioria das escolas urbanas, onde os estudantes são enturmados por série e cada turma possui o seu próprio professor. Essas escolas se constituem geralmente na única alternativa para os sujeitos estudarem nas comunidades rurais em que vivem, encontrando-se expostos a um conjunto de situações que não favorecem o sucesso e a continuidade dos estudos, evidenciando, inclusive, o descumprimento da legislação vigente, que estabelece parâmetros de qualidade a serem alcançados na Educação Básica nas escolas do campo. (Hage, 2014, p. 9).

Convém ressaltar que grande parte das escolas multisseriadas do Campo estão localizadas em pequenas comunidades afastadas das sedes dos municípios e que diversos fatores incidem diretamente no exercício docente. Tais escolas, além de enfrentar adversidades relacionadas às condições de funcionamento, lidam com a visão estereotipada de que a heterogeneidade encontrada na multisseriação é um obstáculo à educação classificada como “de qualidade”. Isso faz com que a aprendizagem nas escolas multisseriadas do Campo seja avaliada como inferior, acarretando a desvalorização dos seus profissionais e estudantes, assim como de todos os povos do Campo.

Sem generalizar, pode-se observar que alguns profissionais da educação que desempenham suas funções dentro dessas unidades escolares, não tem uma formação específica para atuarem na educação do campo, o que pode influenciar negativamente na prática docente, outras vezes mesmo que tenham formação específica não tem o suporte necessário, há falta de materiais didáticos próprios para o contexto camponês e as escolas são extremamente precárias.

Sobre a falta de formação específica dos professores da escola do campo, Hage (2014) reitera:

Ao associarmos essas deficiências na formação ao fato de que esses educadores desenvolvem o trabalho docente em condições pouco adequadas, onde as escolas possuem infraestrutura precária e funcionam em prédios muito pequenos, em péssimo estado de conservação e, em muitas situações, não possuem nem mesmo prédio próprio e funcionam em salões de festas, barracões, igrejas, em um único compartimento onde se realizam as atividades pedagógicas e todas as demais atividades que envolvem os sujeitos da escola e da comunidade; compreendemos com mais clareza os motivos que levam os sujeitos do campo a reivindicarem medidas urgentes e

efetivas quanto a implementação de uma política pública de formação de educadores do campo. (Hage, 2014, p. 7).

Além dos desafios e deficiências apontados, quando essas escolas contam com professores capacitados para atuarem nas escolas do Campo, eles acabam tendo que seguir os encaminhamentos pedagógicos realizados pelas Secretarias da Educação, esses encaminhamentos não raras vezes tendem a padronizar a educação seguindo uma visão urbanocêntrica.

Posto isto, é necessário que as secretarias da educação quando forem definir encaminhamentos pedagógicos e administrativos para as escolas, esteja atenta ao contexto em que essa escola está inserida e respeite ou pelo menos considere que a depender desse contexto as necessidades se diferem, (mesmo que o ideal, o objetivo final seja semelhante) o que aponta para adoção de propostas pedagógicas específicas, ao passo que uma proposta urbanocêntrica poderá desencadear resultados numa escola urbana, mas será ineficaz e prejudicial a uma escola do campo.

Se na escola urbana o professor tem a possibilidade de trabalhar um único conteúdo, a utilizar um único livro didático (dependendo da disciplina de sua formação), na sala multisseriada isso acaba se dando de forma fragmentada ao passo que além das diferentes idades os alunos se encontram em diferentes níveis de ensino e por fim com diferentes necessidades. O professor tem um grande desafio em manter um mínimo de organização e tentar trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar pode ser uma importante solução. De outro modo é necessário que haja mais disponibilidade de cursos de especialização e capacitação para que esses profissionais que atuam no campo possam desempenhar suas funções da melhor maneira possível e que os alunos tenham um ensino de qualidade.

De qualquer forma é necessário priorizar práticas pedagógicas mais integrativas que favoreçam um diálogo que por fim potencialize o processo de ensino e aprendizagem ao possibilitar a partilha das diferentes informações e visão de mundo dos alunos e um choque de confrontos dessas ideias. É necessário não se prender aos livros didáticos, até porque muitas das vezes ele não corresponde ao que os discentes vivenciam no contexto em que vivem, mas se for preciso fazer uso deles é imprescindível que haja um movimento reflexivo que demonstre aos alunos essas realidades sem menosprezar a realidade deles.

Manter uma turma organizada nesse sentido não significa enfileirar os alunos por série, fazendo uma divisão dentro da sala que resulta em um tratamento diferente e separado e por fim um maior estresse tanto do professor como do aluno, é importante que a heterogeneidade não seja vista pelo professor como uma barreira e sim como uma oportunidade de desenvolvimento coletivo.

Conforme Amorim (2019, p.24):

Outro exemplo que ilustra as problemáticas enfrentadas no contexto das escolas multisseriadas é o caso de professores que são colocados para trabalhar nas escolas rurais como uma punição da administração pública municipal. Ou seja, o professor é contra o prefeito na eleição, por exemplo, e o mesmo é eleito. Então, como perspectiva punitiva, o profissional da educação é direcionado para trabalhar no meio rural, distante da sua casa, que se localiza na zona urbana.

São várias as realidades vivenciadas pelas diferentes escolas localizadas no espaço rural, mas as vezes (na maioria delas) as deficiências são as mesmas e se fundamentam em atitudes nojentas e sem escrúpulos de governos corruptos que desviam verbas que poderia ser empregada para dar mais qualidade não só no campo educacional, mas também na saúde e segurança, não só na escola do campo, mas também nas escolas urbanas, haja vista que uma escola e educação de qualidade é um direito e sonho de todos.

Santos (2021, p.24) explica que:

É de grande valia atribuir esses fatores negativos as autoridades governamentais, pois nem sempre possuem formação inicial e/ou continuada para os professores, e se tratando de escolas multisseriadas municipais a troca de todo o corpo escolar ocorre frequentemente, o que prejudica diretamente a aprendizagem do aluno e a atuação do professor.

Em suma é possível observar que os problemas enfrentados pelos professores, alunos e comunidades das escolas do campo (que já não eram poucos), se agravaram ainda mais com a proliferação do COVID-19, que devido as medidas de segurança teve que aderir a um ensino remoto em uma região geográfica que até o sinal de internet não chega com a qualidade que tornaria possível assistir as aulas sem interrupções. Daí pode surgir um retrocesso na educação pública considerando que as famílias mais carentes são as mais prejudicadas em um ensino remoto, ou seja, distante da escola.

Após um longo período de incertezas e com escolas fechadas e aulas suspensas, houve a mobilização dos gestores educacionais para alternativas de

retomada das atividades educacionais, mesmo sem o fim da pandemia. De acordo com Teixeira e Ribeiro (2020, p.6):

Antes da pandemia, os desafios já eram muitos na Educação do Campo, mas as professoras e os professores, acostumados com o chão da escola, sentiam-se seguros. Agora, em tempo de pandemia, de repente, tudo mudou. Sem aviso prévio para se preparar para as mudanças drásticas, foram arremessados no abismo das incertezas e das dúvidas de como atuar e mediar o processo de ensino e aprendizagem sem a presença dos estudantes.

Como apontado, conhecer o chão da escola é um requisito essencial ao professor que atua na educação do campo, pois esse conhecimento torna possível adotar metodologias que acima de tudo possibilite um ensino dialógico. De qualquer forma é importante que o educador que tenha essa familiaridade com a escola e o contexto em que ela está inserida, por mais que se sinta seguro não se limite a um ciclo vicioso de práticas repetitivas que em vez de despertar a curiosidade dos alunos lhe cause desânimo. Tecendo reflexões acerca da formação pedagógica, Freire (1996, p.22) enfatiza que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Se existia algo para se chamar de normal na educação antes da pandemia, com ela, toda essa “normalidade” vai por água abaixo, exigindo desses profissionais uma adaptação abrupta ao “novo” modelo de ensino. Com o esvaziamento das escolas públicas e privadas, o ensino a distância passa a ser obrigatoriamente instituído, visando minimizar os efeitos da falta de aulas presenciais. É um momento de repensar o fazer pedagógico, haja vista que o processo de escolarização passa a se desenvolver via plataformas virtuais (aulas remotas), ou seja, deixa de ocorrer dentro da escola e passa a ocorrer nos lares com o uso de tecnologias.

Conforme Xavier (2020):

O ensino remoto é, portanto, uma metodologia de ensino-aprendizagem aplicada com o intuito de aproximar o professor(a)/educador(a) do(a) aluno(a) que o aprende, utilizando plataformas digitais para ações didáticas pedagógicas por um curto período de tempo, sendo adotado em momentos em que a instituição não pode atender ao método tradicional, com aulas presenciais e turnos agendados. Ele difere da EaD pelo fato de ser, geralmente, no mesmo horário das aulas presenciais da instituição; por ter uma interação diária com o(a) professor(a); pela adaptação adotada aos conteúdos; pela adequação do calendário de estudos ao momento emergencial. (XAVIER, 2020, p.23)

Para frear os casos de contaminação, o ensino remoto passa a ser utilizado na tentativa de aproximar professor e aluno, nesse viés existe algumas possibilidades que poderão ser utilizadas pelos profissionais da educação ao tomarem conhecimento das necessidades ou facilidade de acesso de seus educandos. Assim o ensino remoto pode demandar diferentes estratégias para diferentes escolas, por exemplo, enquanto algumas escolas conseguem interagir com seus alunos por meio de encontros online em plataformas virtuais, outras mantêm essa interação apenas via WhatsApp ou enviando uma lista de atividades impressas.

Esse período emergencial pode ser compreendido mais como uma fase de teste e improvisação, onde os educadores procuram uma solução momentânea enquanto aguardam a volta as aulas presenciais. Além da diferenciação presente no texto supracitado é importante compreender que o Ensino a Distância (EaD) é mais estruturado, haja vista que foi planejado para funcionar realmente à distância, assim pressupõe estratégias pedagógicas com acesso para todos, o que acabou se revelando o empecilho no ensino remoto, haja vista que nem todos dispunham dos recursos necessários.

Outro fator importante acerca do ensino a distância se resume ao fato de ele ter sido pensado e arquitetado para funcionar e servir para um público com mais autonomia, que no caso são os jovens e adultos. Assim não é estranho que as dificuldades pareçam ser maiores na educação infantil, principalmente porque para as crianças a aula tem que ir muito além de uma gravação ou envio de atividades, o que acaba provocando ainda mais inquietações por parte dos educadores em várias escolas do Brasil.

Mesmo diante de todas essas dificuldades é praticamente impossível desconsiderar a incorporação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), às práticas docentes principalmente por considerar não só o período emergencial, mas também o contexto e realidade dessas crianças que já nascem em um mundo cada vez mais moderno e tecnológico, na chamada era digital. Conforme aponta Martins (2020, p. 7) “As tecnologias digitais cada vez mais estão dentro das instituições de ensino, já é uma realidade que essas tecnologias vêm mudando a forma de aprender, nos dias atuais ‘aprender’ é muito diferente para os jovens de hoje do que era 30 anos atrás”.

Um novo desafio é imposto aos profissionais da educação, que durante anos de formação em licenciatura não tiveram acesso a nenhuma aula que lhes ensinasse a lidar com um momento atípico como o vivenciado durante a pandemia. Diante de tanta alteração e início do que pode ser considerado uma revolução com o uso mais intenso das tecnologias como ferramenta de ensino, sentimentos como ansiedade e medo passam a fazer parte do cotidiano dos educadores que se veem obrigados e pressionados a buscarem cursos de especialização que lhes possibilite mais familiarização com tais ferramentas.

Conforme Xavier (2020, p.36):

Essas alterações no ambiente educacional, se refletem nas formas de ensino e aprendizagem seguidas habitualmente. Se as instituições já fizessem uso das tecnologias na sua prática pedagógica, nesta ocasião não teriam dificuldade com essa decisão do ensino emergencial.

Posto isto, enfatizamos que a presença e uso das tecnologias em algumas unidades escolares já era uma realidade (principalmente nas escolas privadas), em outras a novidade se deu pela intensificação desse uso e na maneira como tudo ocorreu, forçando os envolvidos no processo educativo a repensarem suas práticas devido as alterações no ambiente educacional.

Dessa forma é importante frisar que ainda existe bastante carência nas escolas públicas e mesmo no meio familiar no que se refere a posse e uso dos recursos tecnológicos, o que demonstra uma necessidade de efetivação de mais políticas públicas que tornem mais acessíveis tais ferramentas e ponha fim à exclusão digital. Observar a educação a distância como uma nova realidade implica em que se possa pensar em enfrentar os obstáculos que estão impostos sobre pena de a médio e longo prazo se intensificar ainda mais a desigualdade entre o ensino público e privado.

Diante de tudo isso é fundamental que o professor compreenda que não está perdendo sua importância dentro do processo educativo, muito pelo contrário, ele como já fazia antes, se adapta, resignificando o fazer pedagógico, assim continua sendo o mediador e orientador do processo de ensino-aprendizagem, tendo que compreender que a tecnologia e internet como aliada e como uma ferramenta neutra, que contém informações relevantes no sentido de serem boas para a aprendizagem, mas que também pressupõe informações e conhecimentos ruins. Nesse sentido a prática do professor exigirá que ele aponte para seus alunos o melhor caminho a ser

seguido, por exemplo durante uma pesquisa, para que depois possa haver a problematização do conhecimento.

Sobre isso é que se faz necessário realizar novos planejamentos e implementar novos projetos que proporcione aos professores e alunos a superação dessa adversidade e possa assegurar um ensino libertador e de qualidade.

Silva e Souza (2020, p.25) frisam que:

O ato de planejar significa colocar em ordem aquilo que será administrado dentro de um período de tempo, isso requer objetivos, desenvolvimento, meios, avaliação e resultados. O desafio de planejar para uma sala multisseriada é somar tempo e conteúdo revertendo em ensino aprendizagem com resultados equivalentes a um planejamento para uma sala seriada.

Para compreender se o planejamento utilizado pela equipe escolar pesquisada surtiu efeitos e analisar se as práticas pedagógicas utilizadas nesse período possibilitaram alcançar os objetivos traçados, é necessário compreender quais os caminhos percorridos pelos educadores, e quais desafios foram superados durante o distanciamento provocado pela pandemia.

Nesse cenário de mudanças bruscas e repentinas no cotidiano escolar por causa da pandemia do covid-19, ouvir a professora e o professor é imprescindível para saber como a rotina de trabalho foi alterada, e que sentimentos afloraram em cada uma, em cada um. (TEIXEIRA e RIBEIRO2020, p.6).

Partindo das colocações de Teixeira a Ribeiro (2020), notamos que a realização de uma pesquisa que visa compreender as bruscas mudanças ocorridas na educação do campo em meio a pandemia do covid-19, é extremamente necessário ouvir os principais agentes do processo educativo, os professores. Assim sendo, partimos para a análise das entrevistas realizadas via WhatsApp, pontuando que sem essa importante ferramenta seria praticamente inviável realizar este trabalho em um momento de caos e medo, onde o distanciamento social tornou-se uma das principais medidas de segurança para conter a transmissão do vírus.

3.4. Educando em tempo de pandemia: impactos e desafios

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Novo Aeroporto, situada no Povoado Olho d'água de Cima, localizado a 4 Km da cidade de Tocantinópolis – TO. Na referida Escola o ensino ocorre em turmas multisseriadas, onde atende a alunos do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, anos iniciais e Educação infantil Jardim I e II (período matutino), na parte da tarde ocorrem aulas de reforço.

A unidade escolar apresenta uma estrutura pequena, três salas de aula regular (climatizadas), uma sala dos professores, uma sala da direção/secretaria, um depósito da merenda escolar, uma cozinha, um banheiro masculino, um banheiro feminino, um banheiro para funcionários, um depósito de limpeza e um espaço coberto. A equipe pedagógica da referida escola é composta por uma gestora e coordenadora, três professoras (Efetivadas por concurso público) e uma equipe de apoio que é composta por dois funcionários.

Tratando da necessidade dos moradores da comunidade e mesmo considerando a estrutura escolar como sendo de boa qualidade ainda existe uma carência por melhorias em todos os aspectos para que o funcionamento ocorra da melhor maneira possível, haja vista que a educação não deve ser condicionada, limitada apenas as quatro paredes da sala de aula e que os discentes não tenham que sair da comunidade para buscar esses parâmetros na escola urbana.

Realizamos uma entrevista com duas profissionais da referida escola, Maria Dias (que ocupa o cargo de gestora dentro da Unidade Escolar) e Deuselina da Silva (professora), que trabalha com a turma multisseriada: jardim I e II. Ambas demonstraram interesse em colaborar com o desenvolvimento dessa pesquisa, trazendo relevantes informações acerca dos desafios enfrentados nesse período de pandemia, bem como das práticas pedagógicas que se constituíram ao longo da paralização, elas também apontaram quais recursos tecnológicos foram utilizados durante o desenvolvimento de aulas remotas. Convém pontuar que toda a entrevista foi realizada e respondida via WhatsApp, onde foram enviadas algumas questões abertas para as docentes.

Uma desvantagem do questionário à distância é que o(a) participante pode demorar a retornar com suas respostas ao(a) pesquisador(a), ou mesmo, copiar respostas prontas de outros meios. Além de excluir o público que não possui acesso à internet e os(as) que são analfabetos(as). Como também, não poder auxiliar o(a) respondente caso não compreenda alguma pergunta. (XAVIER, 2020, P.32)

A partir da pesquisa bibliográfica realizada e a par das respostas das entrevistadas observamos que o contato que existia entre professor e aluno antes da pandemia permitia um melhor acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem dos discentes, bem como a realização de intervenções, sanando dúvidas e dificuldades no desenrolar das aulas. Concomitantemente as aulas tinham um tempo de duração específica, o que permitia que os professores a partir de determinado

momento pudessem planejar as aulas seguintes e avaliar suas práticas pedagógicas com base no aprendizado dos alunos.

Silva e Souza (2014) citando a inquietude do grande educador Paulo Freire frente ao planejamento, expõe que:

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. (...) para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica (FREIRE, 2001, p.10, apud SILVA e SOUZA, 2014, p.35).

Toda a rotina de trabalho dos professores foi alterada, quando o processo de escolarização passou a ocorrer fora da unidade escolar e passou a se realizar de maneira remota, via plataformas virtuais, o que complicou ainda mais o planejamento educacional nas escolas multisseriadas. Esse distanciamento, dificultou a vida de ambas as partes, uma vez que no ensino remoto a interação acaba sendo afetada por diversos motivos, inclusive devido à dificuldade de acesso à internet ou mesmo a falta de recursos para aquisição de aparelhos tecnológicos como notebooks, tabletes ou mesmo celulares, intensificando ainda mais a exclusão digital no Brasil.

Segundo Teixeira e Ribeiro (2020, p.8):

A rotina do trabalho docente longe da escola tem muitas ações que consomem o tempo do professor: participação em reuniões virtuais, assistir lives, pesquisar, assistir a tutoriais para aprender novas práticas didático-pedagógicas virtuais, atendimentos aos pais e estudantes via rede social, escanear livros e textos, planejar atividades pensadas não só aos estudantes, mas também para os pais, pois eles que irão acompanhar as plataformas virtuais e orientar os estudos das crianças. E, como estão em casa, as professoras e os professores precisam conciliar com os afazeres de casa e acompanhar os filhos nos estudos, também a distância, e necessitam de cuidados especiais.

O impacto da pandemia sob esse ponto específico foi avassalador, pois ocasionou aumento na carga horária dos professores, que agora por meio inclusive do WhatsApp atendem pais e alunos sem horário definido, recebem atividades com atrasos, ficam sobrecarregados e atordoados diante de tantas exigências e mudanças. Cabe pontuar que nas escolas multisseriadas os professores já se sentiam sobrecarregados, necessitando de grande criatividade para ministrar um ensino de qualidade que não se limitasse a apenas transmitir conhecimento, mas que acima de tudo levasse os alunos a refletirem por meio de conteúdos contextualizados com a realidade.

As dificuldades dos professores (as) por estarem trabalhando em suas próprias casas é outro ponto que merece atenção, conforme o texto supracitado. Assim é relevante refletir que muitos desses professores são pais e mães que nesse instante também devem reservar um tempo para acompanhar e mediar a realização das atividades de seus filhos, bem como desempenhar seu papel no meio familiar o que implica ainda mais sobrecarga e que sem os cuidados necessários acaba por provocar traumas e outros problemas de saúde que impossibilitam a continuidade das aulas.

Quando questionada acerca dos desafios enfrentados na prática pedagógica durante a pandemia, Maria Dias (coordenadora) respondeu:

Durante a pandemia nós passamos por vários desafios para realizar o nosso trabalho pedagógico, um deles foi a dificuldade dos professores com relação à tecnologia, pois a maioria dos professores não dominava as tecnologias como por exemplo: saber gravar uma aula para passar para os alunos é fazer uma transmissão ao vivo para fala para nossos alunos. Isso a gente teve que aprender na marra no nosso dia a dia, sem falar que além...além desses desafios gente ainda tinha naquele medo de pegar o COVID, é ficar 24 horas ligada sem poder desligar. Mesmo assim como professor porque na aula presencial professor vai lá dar sua aula, pronto, chega em casa, ele tem seus afazeres, tem alguma atividade para corrigir e não nessa época da pandemia foi difícil porque a maioria das vezes muitos dos Pais chegava a perguntar atividade para o professor altas horas da noite o professor acordava tava lá, às vezes é o final de semana, isso foi muito muito cansativo para gente a maioria dos professores, eu tiro vindo aqui da nossa escola estressado cansado com medo. (Maria Dias)

Os educadores se viram numa sinuca de bico, perdidos diante da necessidade de se adaptar, de trocar uma roda com a carruagem em andamento e em alta velocidade. Não foi um momento de negar a realidade, pois a crise da pandemia de fato estava existindo e os casos aumentando de uma maneira alarmante. Observa-se uma situação desafiadora de abandono aos antigos costumes pelos profissionais da educação, que agora observam as ferramentas que tinham, sendo reavaliadas ou totalmente substituídas pelas tecnologias em aulas virtuais. Fica explícito os sentimentos de medo e ansiedade diante do novo, principalmente devido à falta de uma formação ou especialização para atuarem de maneira remota (gravando vídeos-aulas), e uma rotina de trabalho completamente alterada, que sobrecarregou ainda mais os professores, principalmente das escolas multisseriadas que em muitas vezes já ocupavam mais de uma função.

Outra questão respondida pela coordenadora foi sobre os recursos tecnológicos que foram mais utilizados para viabilizar as aulas durante o distanciamento social. Ela respondeu que:

Assim nesse tempo a gente usou mais foi o WhatsApp aonde a gente criou um grupo para cada professor com seus alunos aonde os pais estavam escrito lá, aí a gente conversava tirava dúvida com os pais as vezes desabafava, as crianças passavam áudio para os professores e aqueles pais que não tinha acesso ao WhatsApp oque que gente fez? a gente foi fazer a visita domiciliar a busca ativa desse aluno conversar com essa família, mas tudo isso respeitamos protocolo de segurança Não deixe de professor não ficar inseguro é de na casa do aluno com medo Sabe né? Porque a gente não era testado não sabia que o tipo de doença que a gente tava lidando, sabia que era muito perigosa, então a gente ficava com medo de ir até a casa da Criança e sem saber se a gente estava contaminado não poderia ser assintomática a gente ficava com bastante medo. Foi muito difícil nessa época, sabe hoje tá já tá mais fácil. A gente já perdeu mais o medo da covid porque Graças a Deus estamos a maioria já está todo mundo vacinada já está com na terceira dose vacina nossas crianças já estão vacinadas, mas na pandemia minha filha foi muito difícil demais. (Maria Dias)

Após analisar a resposta dada por Maria Dias, podemos observar que a opção pelo uso do App WhatsApp como uma ferramenta nesse momento pressupõe maior facilidade de acesso entre pais, professores e alunos, haja vista que esse aplicativo faz parte do dia a dia de grande parte das famílias. “As redes sociais como E-mail e WhatsApp foram utilizadas pelos professores como estratégias inovadoras para levar os conteúdos até os alunos[...]” (Martins, 2020, p. 13). Observa-se também a superação do medo por parte dos professores que ao constatarem que havia alunos que não tinham acesso a essas ferramentas, acabaram por realizar visitas domiciliar para que eles não fossem prejudicados.

Implementar estratégias como o uso do WhatsApp e outros meios digitais constatam que, ainda que de forma acelerada, houve uma mobilização dos profissionais da educação para realizar um planejamento a ser executado durante esse intervalo de tempo a fim de obter resultados menos desastrosos e minimizar os prejuízos causados pela paralização das aulas presenciais.

Diante do que foi exposto, surge a curiosidade em entender de que forma foram realizados e em que consistiu o planejamento dos educadores da Escola Municipal Novo Aeroporto. Continuando o questionamento, perguntamos a Maria Dias como era feito o planejamento no período emergencial? A resposta foi a seguinte:

Quanto ao planejamento a gente planejava esses portfólio e no dia da entrega a gente mandava com antecedência avisando para os pais para receber, no ato do recebimento o pai assinar uma ficha onde estava e se comprometendo que tava recebendo a atividade para criança, só que a gente percebeu que muitas família ajudava as crianças, outras não tava nem aí deixava para entregar as atividades no último prazo ,outras pessoas fazia que a criança não vai fazer nada , hoje nós estamos vendo o nosso esse resultado aonde tem criança que chegou ao quarto ano com uma defasagem muito grande. Agora nós vamos estar correndo atrás desse prejuízo para ver se a gente

consegue tentar minimizar pelo menos um pouco dessa situação que eu acredito que vai ser, que essas crianças vão tá carregando para o resto da vida essa sequela, porque não é fácil tentar superar, nós sabemos que a nossa educação já tinha problema, né? Já vinha com problemas antes e com a pandemia se agravou mais ainda. (Maria Dias)

Antes de analisar a fala da coordenadora é necessário explicar a importância do Portfolio, assim destacamos que Para Vieira (2002, p. 4):

[...] O uso do portfólio em educação constitui uma estratégia que procura atender à necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a relação ensino e aprendizagem, assegurando aos alunos e professores uma compreensão maior do que foi ensinado e, desse modo, índices mais elevados de qualidade. E, no momento em que se procuram encontrar soluções para que a educação acompanhe as rápidas mudanças que ocorrem no mundo atual, parece razoável que a aprendizagem e a avaliação escolar realizada por meio de portfólio sejam pensadas e refletidas como alternativas possíveis.

Segundo Gaspar (2010, p.83)

Normalmente, este instrumento de avaliação engloba os trabalhos realizados e os registros orais, ilustrados e escritos das crianças. Também pode conter uma seleção feita pela criança e pelo educador dos trabalhos, entre outros temas, conceitos e atividades. Ou seja, no portfólio é possível documentar, arquivar e guardar tudo o que de mais importante as crianças fizeram, aprendem a fazer, já podem fazer e já sabem fazer, de acordo com suas idades, crescimento e desenvolvimento.

Percebe-se que o portfólio consiste em um instrumento de larga utilização, principalmente por demandar uma certa qualidade. No meio educacional ele tem revelado sua importância, principalmente por servir de registro e possibilitar ao educador uma reflexão acerca do aprendizado e desenvolvimento do aluno e por consequência de sua prática pedagógica. Devido a paralisação das aulas presenciais e diante da obrigação de manter o ensino à distância, os professores tiveram que se adequar ao ensino remoto, realizando inclusive uma maior seletividade dos conteúdos e atividades a serem enviados para os alunos resolverem.

O portfólio se consolidou como a atividade remota adotada pelos professores e enviada quinzenalmente aos familiares, que no ato do recebimento como foi citado por Maria Dias, os pais deveriam assinar uma ficha de comprometimento que comprovaria que essas atividades chegariam aos alunos e que eles deveriam responder, inclusive com o apoio familiar. Conforme a fala da gestora, fica claro que alguns pais, por algum motivo não conseguiram mediar esse processo, o que gera algumas reflexões acerca da prática pedagógica utilizada nesse momento e a importância de existir um diálogo mais íntimo entre professor e família.

Ouvindo a professora Deuselina fica mais fácil assimilar de que forma essas atividades estavam sendo realizadas (ou não) pelos discentes e como os professores se sentiram diante das constatações realizadas no ato do recebimento. Segue que:

Durante esses dois anos de pandemia, eu creio que não foi fácil para ninguém que foi uma coisa que aconteceu assim de para queda, né? Caiu e ficou, foi dois anos muito, muito difícil e referêcia elaborar os portfólios não foi tão difícil quanto esse portfólios indo para casa das famílias e não sendo resolvido por ela, não sendo realizadas atividades pelas crianças, foi uma coisa muito difícil, porque a gente via ao corrigir o portfólio a gente observava que não eram realizadas atividades pelas crianças e sim por alguém de casa, o pai ou mãe, o irmão não sei eu sei que também não teve rendimento era só se uma coisa Fazendo de Conta que estava sendo feito. mas na verdade na verdade no meu ver, no entendimento que eu tenho, sobre sobre aprendizagem, desenvolvimento de criança. Não foi bom, está refletindo hoje na sala de aula as crianças com dificuldade muitíssima mesmo por elas não ter participado do desenvolvimento das atividades portfólio.
(Deuselina)

Na fala da entrevistada podemos perceber a dificuldade diante das modificações causadas pelo COVID-19, haja vista que as mudanças ocorreram rápido demais. Um diagnóstico desanimador foi feito pelos educadores ao receberem grande parte dessas atividades sem respostas, ou seja, os alunos por algum motivo não estavam respondendo e quando alguns apresentavam respostas dava para se perceber que elas não haviam sido realizadas pelos discentes e sim por algum familiar. O portfólio enquanto documento de registro demonstra aos profissionais da educação que é preciso ter uma certa paciência com os pais dos alunos que também não estão acostumados a acompanhar e mesmo ensinar as crianças a responderem as atividades, é importante observar ainda que os lares dos discentes não apresentam as mesmas condições que se presenciava dentro de uma sala de aula, isso é até compreensível e com certeza implicaria em alguma deficiência durante a realização das atividades.

Outro fator relevante diz respeito ao fato de que nas comunidades campesinas ainda é comum se observar muitos casos de analfabetismo, muitos porque em sua juventude ou mesmo em outras épocas não tiveram seus direitos educacionais respeitados, como é comum numa visão estereotipada de alguns que dizem que os sujeitos do campo não carecem de educação, devendo focar apenas em atividades laborais. Talvez esse fenômeno poderia ser a razão de algumas atividades voltarem sem estar resolvidas, mas sem generalizar, também se observa que muitos pais não têm a paciência de acompanhar e ensinarem seus filhos a resolverem e acabam por fazer por conta própria acreditando eles que os professores desconhecem a caligrafia

dos alunos. É triste fazer um diagnóstico desses e observar que muitas famílias sentem mais falta da escola porque ela servia como creche e não por conta do ensino.

De qualquer forma dar para tirar alguns ensinamentos desse momento, principalmente compreendendo que os professores não se encontravam preparados, nem tampouco as famílias para um momento atípico como esse, e mesmo assim se viram obrigados a tentar e aprender com o caos. Também é notório que antes mesmo da pandemia e suas implicações já era comum uma cultura familiar distante da escola, que se acostumou a não acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem de seus filhos, indo à escola somente em momentos específicos de reunião, advertências ou mesmo na hora de receber os boletins escolares.

Essa cultura acaba passando por modificação e ressignificação também, pois de um momento para o outro, num estalar de dedos os pais passam a ter uma maior obrigação com a aprendizagem de seus filhos, sendo eles mesmo nesse momento os mediadores, uma ponte entre professor-atividade-aluno. Convém deixar explícito que a educação não é uma prática limitada a instituição escolar, e que a família sempre teve seu papel e obrigação nesse processo, haja vista que é no meio familiar que o aluno tem contato com as primeiras experiências e aprendizados de sua vida, tanto é que os alunos que são bem instruídos em suas casas podem desempenhar melhor as atividades escolares e aprender com mais facilidade.

Quando questionada acerca das preocupações do ensino e aprendizagem durante o período de pandemia, a professora Deuselina relatou o seguinte:

Voltando ao Assunto sobre as aulas remotas se a família tivesse o compromisso, tivesse aquela preocupação no filho aprender alguma, do filho desenvolver e deixasse a criança fazer, ajudando mas de formas, não fazendo mas colocando a criança para fazer eu creio que teria sido melhor, mas a grande culpa dessa parte de atividades não feitas foi da família mesmo, quando a gente ia corrigir o portfólio dava um desânimo tão grande, meu Deus uma coisa tão fácil, no próprio nome do aluno Ele não fazia não botar para criança fazer isso é falta de paciência, se é porque não sabe ensinar ,eu não sei mas eu vejo que tem família que sabe ler que entende as coisas mas A gente viu que era eles que faziam pela criança e também não era com todos isso, não era com todos mas a maioria a gente vê a criança que que fazia as atividades a gente ver hoje o desenvolvimento dele já conheço (pelo menos os meus) conhece o alfabeto quase tudo, tudo praticamente, o Jardim 1 já conheço o alfabeto todo e sempre quando eu passava portfólio eu ficava conversando no grupo, no privado com a família pedindo para que ele não fizesse a atividade e colocasse a criança para fazer, sempre eu pedia, aí eu pedia para eles mostrar vídeo da criança realizando as atividades, muitas pessoas me mostrava muitas mesmo, mas tem outros que não mostrava de jeito nenhum embora eu cobrando mas não mostrava. E são esses que estão

com dificuldades né e em todas as séries e turmas lá na escola são assim.
(Deuselina)

Perante tudo o que foi dito até o momento pela educadora fica evidente a cobrança por mais participação familiar no que compete a estarem ajudando seus filhos a realizarem as atividades, isso reforça a importância de uma educação integradora, onde o elo entre escola-aluno-família é fator que potencializa o processo de ensino e aprendizagem. A professora ainda expõe que nem todas as famílias estavam tendo a mesma preocupação em mediar o ensino dos filhos. Mesmo diante de tudo o que foi tomado como prática pedagógica na intenção de aproximação em épocas de distanciamento, algumas famílias não conseguiram se adequar.

É compreensível que alguns pais estivessem mais preocupados em garantir a sobrevivência de seus filhos, trabalhando para não faltar o pão na mesa, haja vista que a perda de um ano letivo, pode ser recuperada num outro momento e em um contexto mais acessível do que o remoto. A pandemia deixou realmente um impacto negativo que poderá levar anos para ser revertido, mas também exigiu, como já foi dito, um novo comportamento, uma nova reflexão, mais comprometimento e intimidade entre pais e escola.

4. Considerações

Os impactos causados pela pandemia ainda podem ser sentidos no setor educacional, que como vimos, teve que se adaptar às mudanças que ocorreram de forma acelerada para poder minimizar os prejuízos que acometiam os alunos mediante a paralisação e impossibilidade de ofertar um ensino presencial. Como a escola brasileira e a educação pública como um todo já funcionava em meio a defasagens por conta da falta de efetivação das políticas públicas os desafios que surgiram com a pandemia acabou ocasionando ainda mais agravamento.

A pesquisa apontou que mesmo diante dos problemas que desencadearam diversos sentimentos, como medo, ansiedade, luto etc. os educadores se mobilizaram na tentativa de dar continuidade ao ensino e aprendizagens dos alunos, implementando diferentes técnicas e recursos para atingir tais finalidades por meio do ensino remoto. Ficou explícito que alguns fatores acabaram impossibilitando o uso de

alguns recursos tecnológicos pela equipe pedagógica e mesmo pelos familiares, fato que liga um sinal de alerta para um agravamento dos casos de exclusão digital.

Com o momento atípico, os professores passaram a ser pressionados no sentido de dominarem ou pelo menos criarem maior familiaridade com as tecnologias digitais, isso fez com que os profissionais da educação tivessem que repensar e ressignificar suas práticas pedagógicas e abandonar a zona de conforto que havia se constituído durante muitos anos de um ensino marcado por metodologias repetitivas que consideravam em muitos casos os discentes como meros receptores de conhecimento.

Referências

AMORIM, Franciele Lopes de. **Práticas pedagógicas em salas multisseriadas**. 2019. Monografia (Graduação) – Curso de Educação do Campo. Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/1611> Acesso em: 15 de mai. 2022.

CALDART, R. S. ELEMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO E PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. **Revista Trabalho Necessário**, v. 2, n. 2, 14 dez. 2004.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GASPAR, Daniela. **Avaliação das crianças na educação pré-escolar: uso do portfólio como instrumento de avaliação**. 2010. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/14578> Acesso em: 10 de jun. 2022.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi) seriação como referência para a construção da escola pública do campo. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 1165-1182, 2014.

SILVA, Cacilda Gonsalves da; SOUZA, Marta Suely Leal de. **Salas multisseriadas: um olhar sobre as práticas educativas construídas na escola municipal de ensino infantil e fundamental Ovídio Tavares de Moraes**. 2014.

SILVA, Luciene Rocha.; SANTOS, Arlete Ramos dos.; SOUZA, Davi Amâncio. Os desafios do ensino remoto na educação do campo. **Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 40-65, 2020. DOI: 10.22481/poliges.v1i1.8263. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/poliges/article/view/8263> . Acesso em: 15 jun. 2022.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação Básica do campo: organização pedagógica das escolas do meio rural**. 2014.

TEIXEIRA, Sérgio Luiz; RIBEIRO, Maria Aparecida Gonçalves. Educação do Campo em tempo de pandemia: impactos, limites e desafios. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 4, p. 36-48, dez. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/948>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica: **O retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da covid-19**. (2020).

VIEIRA, Vania Maria de Oliveira. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. **Psicologia escolar e educacional**, v. 6, p. 149-153, 2002.

XAVIER, Myllena Camila da Silva. Ensino remoto no distanciamento social: percepções e experiências docentes no período da pandemia do Covid-19. 2020.